

Sexualidade e Cidadania 9

Silvia Almeida de Oliveira Costa Martinez*

Na prática clínica diária, ou no processo de implantação de projetos em saúde pública; como coordenadora do PAISM (Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher - SUS 4 SP), prestando serviços à Coordenadoria Especial da Mulher (Secretaria de Negócios Extraordinários, gabinete da Prefeitura Municipal de São Paulo); envolvida com estratégias de impacto epidemiológico no projeto do Instituto da Mulher (Grupo de Tarefas Especiais do Grupo Gerente de Hospitais no gabinete da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo); ou envolvida em projetos que lidam com sexualidade entre adolescentes (SAIA-SP, PAIAOP Ouro Preto-MG); nos deparamos invariavelmente com vários níveis de dificuldade. Num primeiro nível; uma freqüente causa de resistência entre pais, adolescentes, profissionais das áreas de saúde a educação bem como em todas as instâncias institucionais; estão algumas divergências conceituais que envolvem a Filosofia, a Ontologia, a Cosmologia e a Ética.

* Médica. Ginecologista.
Recebido em 15.06.96

Em nome de uma clareza que se faz necessária e que freqüentemente se encontra no óbvio; correndo o risco de ser redundante devemos percorrer alguns destes pontos de divergência

Sabemos o quanto estes projetos envolvem a especificidade da condição feminina e as contradições inerentes a sua sexualidade, com *inserções políticas*, legais e sócio-econômicas. Tentaremos apontar alguns pontos conceituais obscuros, contaminados por *interesses epocais*, políticos, etc.

SEXUALIDADE E O SAGRADO, A METAFISICA DO SEXO

Delimitação do assunto

A palavra metafísica aqui, será tomada num duplo sentido. O primeiro, muito *corrente em* filosofia onde, por “metafísica se entende a investigação dos princípios e dos significados últimos. Seria o estudo daquilo que, do ponto de vista do absoluto, significam quer os sexos, quer as *relações neles* baseadas.

Num segundo sentido, relacionado com a etimologia, este termo mantém laços com a tradição filosófica ocidental, já que balizado pela física se refere à ciência daquilo que está “para além do físico”, isto é para além da fenomenicidade do mundo, ou do que podemos entender como realidade *exterior e* objetiva e, portanto, de sua contraparte interior e subjetiva ou seja, dos aparatos biológicos-sensíveis e técnico-instrumentais que lhe concorrem. Não dirá *respeito a* conceitos abstratos, mas aquilo que poderá resultar como *experiência*, não somente física, como também transpsicológica dos estados múltiplos do ser. Como verificação de tudo aquilo na experiência do amor e do sexo comporta uma alteração do nível da consciência “física”, e até por *vezes uma* certa suspensão do condicionalismo do Eu e a emergência momentânea ou a inserção na consciência de modos de ser de caráter profundo.

Relembremos Platão, Júlios Évola, as teorias de Jacob Boehme, Franz von Baader, Schopenhauer, Leibnz, Welninger, Carpenter, Bardiaeff, Klages, e outras tantas *referências que* expõem a função da sexualidade na Tradição.

A EXISTÊNCIA COMO PLANO DAS POSSIBILIDADES INFINITAS

Na atualidade multiplicam-se os tratados sobre a sexualidade, considerada dos pontos de vista antropológico, biológico, sociológico, eugênico e por fim psicanalítico. Foi preciso criar-se um neologismo para pesquisas semelhantes - sexologia. Foi característica de época tentar atingir algo limitando a procura ao pleno empírico mais estritamente humano, isto quando não se concentrou nos subprodutos patológicos do sexo. Hauve autores que trataram mais do amor do que especificamente do sexo, as vezes numa redução ao plano psicológico sem uma antropologia que não se detém, mas que conhece modalidades sutis da consciência humana; parte integrante de disciplinas antigas e das tradições dos povos mais diversos.

Que se estabeleça na *experiência do* erótico um ritmo diferente, que invada, suspenda ou transporte as faculdades normais do ser humano, foi observado ou pressentido em todas as épocas. Falta-nos, quando sujeitos à experiência, desenvolver uma sensibilidade sutil de modo a perceber além de emoções e *sensações*. Falta-nos base de orientação nos casos em que se esboçam as *deslocações de nível* a que acabamos de aludir. O mundo do eros com possibilidades mais profundas sofreu uma atrofia e alguns aspectos tornaram-se latentes, quase indistinguíveis, vestigiais, indícios.

Para os fazer sobressair será necessária uma integração, ou seja, uma operação análoga àquela em matemática consiste na passagem do diferencial para o integral. A dificuldade de *recolher material* neste tipo de pesquisa é subjetiva e objetiva. Subjetiva porque existe resistência em se falar com exatidão e sinceridade no que *acontece nas* fases mais exaltadas da intimidade física para grande número de pessoas. Objetiva porque essas fases correspondem freqüentemente a formas de consciência reduzida a ponto de não nos lembrarmos do que fizemos ou dissemos. Esses momentos culminantes correspondem a soluções de continuidade mais ou menos profundos da consciência, dos quais voltamos como que aturdidos; ou então, aquilo que é simples sensação paroxística e emoção acaba por tudo confundir.

Hoje em dia, o sexo impregnou a *esfera psíquica*, produzindo nele uma gravitação constante e insistente. Embora sejam também significativas certas formas de anestesia sexual ou *exacerbação relacionadas* com o que a psicanálise denomina de variedades narcísicas da libido. Para alguns a exibição da nudez, a acentuação de tudo que possa ser motivo de

atração do corpo, constituem o interesse principal; proporcionando um prazer transposto que é preferido ao prazer específico da experiência sexual concreta. Uma espécie de insensibilidade à experiência que pode chegar à recusa neurótica. Quanto à exacerbação, é verdadeiro o fato da propagação pandêmica do interesse pelo sexo marear cada era crepuscular, onde a fome e o sexo são a base de muitas lutas sociais e econômicas. Predomina o desinteresse pelo intelectual, o espiritual, o heróico, ou qualquer outra manifestação mais elaborada de efetividade. *É um mundo que padece não somente de uma carência de Ética, mas também padece de uma carência de Estética, que é, aliás, atributo da Ética.*

AMOR SEXUAL

O significado que atribuiremos ao sexo, depende do modo como se concebe a natureza humana e da antropologia particular que se adota, que reconhece no homem a dignidade de um ser não exclusivamente natural. Será oposta à que o considera uma das numerosas espécies animais, herança de algumas interpretações do Darwinismo e de algumas formas de biologismo. Nos tratados “científicos” onde o homem deriva do animal por “evolução natural”, a sua vida sexual e erótica era exposta em termos de um prolongamento dos instintos animais explicada pelas finalidades biológicas da espécie. Reduziu-se o superior ao inferior ao se tentar explicar o superior pelo inferior e o humano pelo fisiológico e pelo animal.

Interveio a psicanálise, embora com a mesma tendência: O mundo do inconsciente, do instinto, dos arquétipos arcaicos reconduzem a uma ancestralidade primitiva.

O nosso ponto de vista não é a teoria moderna da evolução, mas a doutrina tradicional da involução, onde os povos selvagens são restos degenercentes, crepusculares, noturnos de raças mais antigas inteiramente desaparecidas (Kohlbrugge, Marconi, Dacqué, Westenhofer, Adlof..).

A ontogênese, não recapitulada pelo filogênese, percorre de novo as possibilidades ao princípio superior e especificamente humano que se define e manifesta cada vez mais no desenvolvimento humano. Assim, o instinto de reprodução não é fato principal, mas, mero derivado.

Tomaremos o amor como finalidade precípua da experiência humana sim, nas suas relações diretas e indiretas com a sexualidade; enquanto nucleado no sexo. Examinaremos uma experiência humana que pode compreender e abarcar um conjunto de fatores psíquicos, afetivos,

morais e mesmo intelectuais que excedem o domínio biológico mas que o têm como centro de gravidade. Reconhecemos nesses fatores citados e nas suas formas sucedâneas de amor (ternura, amizade, compaixão, admiração); importância vital na experiência humana. Mas, por outro lado, o fato de estarem algumas vezes excessivamente priorizadas a simpatia, a ternura, a amizade e outras formas de amor não material; pode representar sublimação, transposição ou desvios regressivos infantis. Esta é uma idéia que podemos inscrever no ativo das pesquisas psicanalíticas e que não devemos esquecer.

Existe a possibilidade de uma concepção que considera a passagem do amor sexual ao amor de características principalmente afetivas e sociais; baseado na vida a dois com matrimônio, família, descendência, etc.; como um processo de enriquecimento. Enquanto observamos que isto tudo pode representar uma queda intensa de nível, de tônus onde perde-se ou mantém-se somente por reflexo, o contato, embora obscuro com as forças primordiais; e não estamos falando de instinto.

O amor, no plano nietzchiano, não passa de um sucedâneo. Com ele o homem cria, do ponto de vista metafísico, uma solução ilusória, para essa necessidade de confirmação e integração ontológica que constitui o fundo essencial e inconsciente do impulso do sexo.” Só a paixão conduz ao momento fulgurante da unidade”.

O amor que interessa ao nosso estudo é o amor-paixão: “Um estado mental e físico durante o qual fica obliterado em nós, no nosso pensamento, no nosso coração e nos nossos sentidos” (Borget). Quando através da atração “física” surge o impulso sexual, movem-se no ser os estratos mais profundos, camadas estas existencialmente elementares em relação aos sentimentos, etc.

O INSTINTO DA REPRODUÇÃO

A cultura “em nome da natureza”, num regresso a Rousseau, prega uma espécie de nova religião naturalista do sexo e da concepção.

Não são os apetites e os desejos “naturais que tornam os homens bestiais (não é uma palavra adequada porque em determinadas circunstâncias implica em ofensa aos animais) digamos então humanamente maus a viciosos. É a imaginação, o intelecto, os princípios, e até a religião (Huxley, Campion, Lawrence) que tornam os homens pervertidos, longe da norma central da humanidade, quando excitam a carne ou quando a

renegam pelo espírito: “o inferno está cheio de boas intenções”. Deixai os instintos entregues a si próprios e eles pouco mal farão.

O que para o homem deve ser considerado natural, não o é, quando este termo se aplica aos animais. É-o em conformidade do seu tipo, ao lugar que ocupa na hierarquia global dos seres. Assim, o que no homem define o amor e o sexo, é um conjunto de fatores complexos que, em casos determinados, compreende mesmo o que julgado segundo um critério animal, poderá parecer perversão.

O sexo tem no homem fisionomia específica. Está liberto, tanto mais quanto o indivíduo é diferenciado, dos vínculos e dos períodos do cio: onde, de resto, e não sem razão, se verifica com maior intensidade nas mulheres do que nos homens.

O homem pode, em qualquer momento, desejar e amar. Esta é uma característica natural do seu amor e não um fato artificial de “corrupção” derivado de um “desvio” da natureza.

Incluir o amor sexual nas necessidades físicas do homem deriva igualmente de um equívoco. Não existe no homem um desejo sexual físico. O seu desejo é, na sua substância, metafísico, psíquico; o desejo físico não passa de uma tradução e de uma transição daquele.

Convém, neste ponto criticar a mitologia que fala num instinto de reprodução, indicando este instinto como o fato primeiro de todo erotismo. O instinto de conservação e o de reprodução seriam as duas forças fundamentais ligadas à espécie atuando, tanto nos homens como nos animais.

Esta teoria é demonstrada por biólogos e psicólogos positivistas que, como Morselli, chegaram a subordinar um instinto ao outro, pensando que o indivíduo se alimenta e luta pela conservação somente porque deve reproduzir-se, sendo o fim supremo a continuidade da vida universal.

Não se trata de nos deter na análise do “instinto de conservação” ou de demonstrar a sua relatividade nem de lembrar quantos impulsos podem, no homem tomado como tal, neutralizar e contradizer este instinto. Em certos casos, é precisamente o pretenso instinto de reprodução no homem ou na mulher, que pode desempenhar, entre outros, este papel neutralizante ao impedir que se pense na própria saúde e conservação; ou nos da espécie.

Quanto ao “instinto de reprodução”, representa uma explicação absolutamente abstracta do impulso sexual, dado que, psicologicamente, isto é, em relação aos dados imediatos da experiência individual vivida; essa explicação é destituída de qualquer fundamento. No homem, o instinto é um fato consciente. Mas o instinto da reprodução inexiste como conteúdo da consciência. No momento “genésico”, não figura, de modo

algum, no desejo sexual como experiência, nem nos seus desenvolvimentos posteriores.

O conhecimento de que o desejo sexual e o erotismo, quando conduzem à união do homem com a mulher, podem dar origem à procriação de um novo ser; não passa de um conhecimento “a posteriori”. Houveram povos que atribuíam o nascimento a causas sem qualquer relação com a união sexual.

A reprodução é um efeito possível da atividade sexual, mas não esta de modo algum compreendida na experiência vivida da excitação sexual. O animal ignora-a, o homem a conhece tendo-a em mente não quando vive o “instinto” mas, quando a subordina a este fim.

Numerosos são os casos em que a fecundação da mulher amada não foi procurada nem de modo algum desejada e até mesmo evitada. Até quando o desejo de ter filhos representa um papel fundamental no estabelecimento da relação entre o homem e a mulher, verificamos que entram em jogo considerações baseadas na reflexão e até na vida social e não é esta a idéia que os excita no momento do ato sexual.

Na biologia, Solovief observou muitas espécies animais e vegetais que multiplica-se de forma assexuada. Geralmente o fator sexual intervém na multiplicação de organismos superiores. Quanto mais se sobe na escala dos organismos, tanto mais decresce o poder de multiplicação da espécie e aumenta a força da atração sexual. No ser humano a multiplicação verifica-se em menores proporções do que no reino animal, enquanto que o amor sexual atinge máxima importância e intensidade. O amor sexual e a multiplicação estão em razão inversa. Na paixão, a reprodução é quase sempre evitada.

Um homem não primitivo não escolhe ou prefere simplesmente alimentos que o organismo pode considerar como os que melhor lhe convém. Isto sucede não porque o homem seja depravado, mas simplesmente porque é homem (contrariando Schopenhauen e o gênio da espécie). Existe atração sexual entre seres que de forma alguma representam um optimum para fins de procriação. São os exemplares biologicamente mais nobres da espécie humana os mais fecundos?